

Impactos do Alargamento da União Européia sobre a Política Internacional

André Tenório Mourão
13/05/04

No último mês de maio, a União Européia (UE) passou por seu maior alargamento desde sua criação, com a entrada de 10 novos países: Chipre, República Tcheca, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia, Malta, Polônia, Eslováquia e Eslovênia. Esse acontecimento foi acompanhado pelo surgimento de diversas indagações acerca do futuro da Europa e da UE, com receios por parte da população e dos governos. É relevante analisar como o alargamento modifica a posição desses países e do bloco europeu no contexto maior da política internacional contemporânea. Há alguma mudança significativa no equilíbrio de poder? Se há, em que direção?

Dois elementos têm sido levantados como fundamentais para entender as possíveis consequências do processo de união: o fato de a maior parte dos novos membros terem sido Repúblicas Soviéticas, assim como sua situação econômica pouco privilegiada em relação aos antigos membros. Como isso afeta o equilíbrio interno na UE e se os efeitos serão positivos ainda são temas muito debatidos, mas é possível traçar algumas tendências. Economicamente, o bloco europeu é um dos pólos mundiais de poder, resultado alcançado, em grande parte, devido ao processo de integração bem-sucedido. No entanto, a economia da UE tem caminhado a passos muito lentos, com baixas taxas de crescimento e competitividade reduzida no comércio internacional.

A entrada de 10 novos membros não deve representar grandes adições ao orçamento europeu em termos de subsídios e auxílio financeiro, pois estes serão muito reduzidos. Por esse motivo, os receios sobre uma “drenagem” dos recursos são provavelmente desnecessários. Na realidade, a entrada desses países representa boas oportunidades para o bloco. O que deve acontecer é uma injeção de ânimo econômico proveniente dos baixos custos dos produtos e da mão-de-obra dos novos membros, dando maior competitividade a UE e pressionando os antigos membros a iniciarem ajustamentos econômicos com vistas a aumentar sua produtividade.

Outro ponto é fundamental para compreender o significado do alargamento: os novos membros são muitos, bastante populosos e bem diferentes dos antigos membros em diversas características. O processo de tomada de decisão da UE deverá se tornar mais complicado, já que, a cada novo membro votante que é acrescido, aumentam as chances de opiniões divergentes. O modelo de estudo do bloco como um ator unitário terá de dar lugar a um modelo organizacional em diversos novos temas. Esse elemento é particularmente agravado ao se levar em conta que os procedimentos de votação na UE são feitos com base no critério populacional e também que os novos membros têm culturas diferentes da européia ocidental.

Tendo esses elementos em mente, é possível delimitar as seguintes previsões sobre os possíveis impactos do alargamento sobre a política internacional contemporânea. Economicamente, o alargamento traz a possibilidade de uma ligeira mudança no equilíbrio de poder mundial, no entanto, esta só se concretizará se os antigos membros se adaptarem. Se os novos membros se acostumarem ao ambiente protecionista europeu, o alargamento provavelmente não se traduzirá em mudanças positivas. Em relação a outros temas da agenda internacional, incluindo segurança, a entrada de 10 novos membros implica em uma perda da coesão do bloco, que poderá revelar-se prejudicial aos interesses europeus caso não sejam feitos esforços no intuito de harmonizar o novo sistema. Em suma, as consequências dependerão essencialmente do comportamento futuro dos antigos membros.